

O Velho Marx: Uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)

MARCELLO MUSTO

Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018. 158p.

*Mauro Castelo Branco de Moura**

Como o subtítulo indica, Marcello Musto, em sua biografia, não trata do “Marx maduro” em geral, cuja definição ensejaria controvérsias, mas se detém em um período menos frequentado, o do “último Marx” (conforme o título original italiano), mais precisamente, seus dois últimos anos de vida. No entanto, o relato de Musto não se limita à descrição das vicissitudes do final da vida do ilustre renano (falecido em 14 de março de 1883), profundamente marcado pela doença e pelas perdas da companheira de toda a vida, Jenny von Westphalen (em 2 de dezembro de 1881), e da filha mais velha, Jenny Longuet, a Jennychen, como a família carinhosamente a denominava (em 11 de janeiro de 1883); mas trata, sobretudo, da relevante produção intelectual do período, nem sempre lembrada por muitos comentaristas.

A importância do texto de Marcello Musto reside precisamente aí: com competência e rigor, porém através de uma escrita cativante e agradável, o biógrafo traz à baila textos, reflexões e posicionamentos de Marx da maior relevância e que, no entanto, são menos considerados pela tradição. Destacam-se, neste contexto, seus estudos antropológicos (ou etnológicos, como preferiu designá-los Lawrence Krader, principal estudioso e divulgador destes apontamentos), aos quais Marx dedicou uma atenção muito especial. São diversos os autores por ele lidos neste

* Professor Titular do Departamento de Filosofia da UFBA. E-mail: mcbmoura@ufba.br

período, porém, John Bud Phear, Henry Summer Maine, John Lubbock e, sobretudo, Lewis Henry Morgan mereceram um tratamento especial através de extensos extratos e comentários de leitura. Sua dedicação à temática foi de tal monta que sugere a natural conclusão de que almejava escrever algo sobre o assunto. Aliás, tal inferência está corroborada pelo fato de que Engels, em sua apresentação a *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, publicado em 1884, no ano subsequente ao da morte de Marx, apresenta a obra como “a execução de um testamento” (Rio: Vitória, 1964, p.7).

Destarte, também neste caso, embora a redação fosse do próprio Engels, ainda que sob a inspiração dos estudos efetuados por Marx, coube ao amigo efetivar aquilo que Marx não tivera condições de levar a cabo em vida, algo que seria feito, com pouca interveniência de Engels, com relação a *O capital*, publicando o Livro II em 1885 e o Livro III em outubro de 1894; descumprindo, porém, a promessa, reiterada no prefácio deste último, de publicar o Livro IV, as *Theorien über den Mehrwert*, pois o próprio Engels veio a falecer em 5 de agosto de 1895. Marcello Musto não questiona o fato de Marx, ao final da vida, ter dedicado tanta atenção à antropologia, tendo diante de si a ingente tarefa de concluir *O capital*. Abandonaria o projeto d’*O capital* e o substituiria por outro, como fizera anteriormente com a *Contribuição à crítica da economia política*, de 1859?

Nunca saberemos a resposta... Porém, com relação ao episódio anterior, sabemos que o projeto de 1859 foi abandonado e substituído pelo d’*O capital*, e a parte publicada, abordando a temática da mercadoria e do dinheiro, embora contando com uma nova redação do mesmo assunto, na Primeira Seção do Livro I (os três primeiros capítulos), não foi repudiada. Marx inicia *O capital* com uma citação da obra de 1859, como se quisesse advertir os seus leitores de que, apesar do novo tratamento dado à temática, o texto anterior continuava vigente. Com todas as possibilidades de interpretação que entranham a leitura de cadernos de notas que não estavam destinados à publicação, mas apenas endereçados ao próprio autor, estes apontamentos antropológicos sugerem, de imediato, a conclusão de que o contraste da sociedade burguesa com estas formas sociais atávicas não só evidenciam a contingência e transitoriedade histórica do capitalismo, como descartam a possibilidade da emergência de uma sociedade radicalmente nova. Não há, em Marx, nestes apontamentos, qualquer nostalgia em relação a uma idílica idade de ouro pretérita, nem compromissos com interpretações economicistas ou deterministas da história.

Na mesma toada estão seus estudos sobre a realidade russa que o conduziram, dentre outros escritos, a uma correspondência com Vera Zaslitch, onde insinua claramente alternativas históricas plurais. O interesse de Marx pela Rússia é antigo e o levou ao estudo e domínio da língua russa; o que o permitiram acompanhar mais de perto a realidade do país e a ter um contato mais estreito com os revolucionários russos. Não se deve esquecer que a primeira tradução d’*O capital*, em 1872, sintomaticamente, foi para o russo. A pergunta formulada por Zaslitch,

em 1881, acerca do destino da comuna rural russa, se fadada à dissolução em propriedade privada pelo desenvolvimento capitalista ou se poderia transitar diretamente ao socialismo no caso de uma revolução exitosa, é tratada por Marx com toda a cautela. Ele chega a redigir três versões da resposta, mais ou menos extensas, porém termina por enviar uma quarta mais curta, datada de 8 de março de 1881, na qual deixa em aberto ambas as possibilidades, sustentando não haver qualquer “fatalidade histórica” que obrigasse a um ou outro resultado.

Enfim, como bem destacou Marcello Musto, o Marx que emerge desta obra está muito longe da imagem caricata de um economicista eurocêntrico, apenas focado na luta de classes. Se tal retrato nunca expressou adequadamente, nem o Marx mais jovem e, portanto, mais afoito – embora encontrasse eco em certa vulgata espargida por manuais catequéticos –, fica totalmente confrontada pelo Marx dos últimos anos. Marcello Musto cumpre com competência e correção a tarefa a que se incumbiu e, embora jovem, este professor italiano radicado no Canadá granjeou uma merecida reputação acadêmica internacional. A revista *Crítica Marxista* já publicou instigantes artigos seus nos números 27, 33 e 43 que podem ser acessados livremente através do seguinte endereço: <<https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/index.php>>.

Ao recomendar, sem reticências, a leitura deste livro e dos outros textos do autor, parece oportuno o ensejo, no entanto, para manifestar uma pequena estranheza. Não são compreensíveis as obscuras razões editoriais que levaram a que se traduzisse o título original da obra *L'ultimo Marx (1881-1883): Saggio di biografia intellettuale* pelo impreciso e pouco atilado *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos*, sobretudo quando se tem presente que já há certa tradição em designar por “último” ou “tardio” a este período da vida e da obra de Marx. Desde que Theodor Shanin organizou e editou a coletânea intitulada *Late Marx and Russian Road* que este período da vida de Marx começou a ser delimitado e constituído como objeto de pesquisa. *Late Marx* ou *dernier Marx*, embora os autores possam divergir quanto ao exato período de referência, já estão consagrados na literatura... Será que o “velho” Marx ajudaria a vender mais livros?

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Saramago: ficção e história

João Valente Aguiar e Nádía Bastos

Dependência e imperialismo

João Quartim de Moraes

Crise de transição na economia mundial

Dieter Boris e Stefan Schmalz

Marxismo e reconhecimento

Jair Batista da Silva

Cohen e a teoria da História

Dossiê

31